

UM TRIÂNGULO AMOROSO... OU ODIOSO?

Relações de “amor e ódio” entre missão, vocação e graça no livro de Jonas

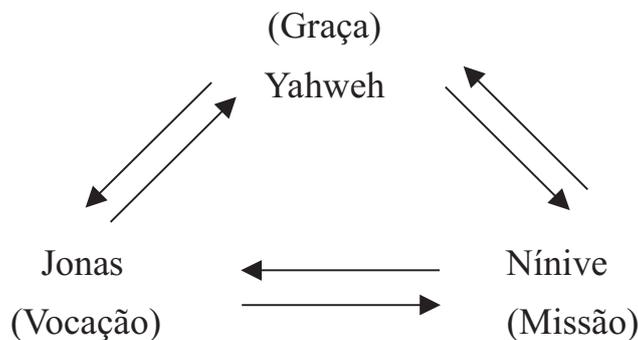
Lília Dias Marianno

Jonas! Eis um profeta antagônico!

As incongruências entre o comportamento do profeta que deu o nome ao livro e a mensagem que o livro quer passar têm trazido questionamentos muito diversificados àqueles que desejam adorar o Deus de Israel, sejam judeus, cristãos ou pessoas de outros credos. Nos últimos anos passamos bastante tempo dialogando com este profeta, quase querendo arrancar dele a resposta que nem Yahweh conseguiu arrancar. O silêncio de Jonas no final do livro é simplesmente “ensurdecedor”.

Tempos atrás trabalhamos com a perspectiva de Jonas ser “literatura de oposição” para o modelo etnocêntrico de monoteísmo proposto pelas lideranças pós-exílicas em Judá durante o Período Persa¹. Desta vez gostaríamos de conversar mais com este texto sob um outro ângulo, tentando enxergar a relação deste profeta com sua vocação, com a cidade de Nínive, o alvo de sua missão, e com Yahweh, o Deus da graça e da misericórdia que deseja perdoar Nínive e só por esta razão comissionou Jonas.

Em termos gráficos, poderíamos traduzir estas relações através do seguinte triângulo:



Alegoria ou não o que mais nos interessa na história de Jonas é o que o texto está tentando nos ensinar sobre a interatividade nestas relações. Isso sim, é muito mais relevante do que um objeto maior que uma laranja não passar pela garganta de

1. MARIANNO, Lília Dias. Os/as estrangeiros/as dizem: “Yahweh não nos excluirá de seu povo!” Manifestos contra o imperialismo na teologia da reconstrução. Em: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. Petrópolis, n. 48, p. 44-55, 2004. Também em: MARIANNO, Lília Dias. *A ameaça que vem de dentro: um estudo sobre as relações entre judaítas e estrangeiros no pós-exílio em perspectiva de gênero*. Dissertação [Mestrado]. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2007, 182p.

uma baleia ou de um ser humano conseguir sobreviver no estômago de um grande peixe durante três dias. Todavia, antes de passarmos a estas relações faremos um breve panorama do livro.

1. O contexto do livro de Jonas

Tem sido consenso entre a maioria dos pesquisadores que trabalham com a crítica histórico-social que um profeta chamado Jonas viveu nos dias de Jeroboão II, isto é, entre 787-747 A.E.C., porém o texto do livreto que recebe este nome é muito posterior e contém uma linguagem mais recente que a do século VIII².

Antes de prosseguirmos, cabe aqui alguma explanação sobre a inserção do livro de Jonas no cânon profético. O profetas – *nebiim* estão divididos em dois blocos: os anteriores (Js, Jz, 1 e 2Sm, 1 e 2 Rs) e os posteriores (Is, Jr, Ez e o Livro dos Doze). O Livro dos Doze corresponde aos chamados Profetas Menores do cânon católico e protestante.

Pesquisas anteriores afirmam que a arrumação do Livro dos Doze segue a cronologia histórica das atuações dos profetas que os denominam sendo: Os, Jl, Am, Ob, Jn e Mq profetas do séc. VIII; Na, Hb e Sf do séc. VII e finalmente Ag, Zc, Ml do séc. VI A.E.C.³ Entretanto, esta ordem de atuação profética não obedece à ordem de redação dos livros. Esta seria a razão pela qual o livro de Jonas, de redação muito posterior, aparece junto com os profetas do séc. VIII, por causa da suposta época de sua atuação.

O Livro dos Doze foi compilado com um objetivo teológico unificado e tal conclusão redacional aconteceu entre 240 e 220 A.E.C. As pesquisas mais recentes mostram uma estrutura quiástica que alinha o livro de Isaías com o Livro dos Doze, tendo Jeremias e Ezequiel ao centro. Isaías e os Doze têm um teor fortemente orientado para Sião e uma visão universalista do fim dos tempos, que traz os outros povos à adoração de Yahweh em Jerusalém⁴. Mas Jonas está no meio do conjunto destoando dos demais livros. Enquanto os outros trazem a mensagem de Deus proferida pelos profetas para o arrependimento das nações o livro de Jonas não é um livro de profecias, mas sim das broncas e das correções de Yahweh sobre seu profeta teimoso e ingrato quando este foi enviado a pregar aos estrangeiros. É um livro que mostra a tentativa do profeta de afastar os povos do amor de Yahweh.

Sobre o autor deste livro nada sabemos. Pode ter sido um homem, uma mulher, pode ser alguém vindo de círculos sociais dos mais diversos, mas o gênero desta obra é mais fácil de estabelecer. Trata-se de uma novela bíblica. Uma historieta, verídica ou não, contada com estilo sapiencial, cujo roteiro é lógico, interdependente e muito bem

2. KILPP, Nelson. *Jonas*. Petrópolis/São Leopoldo: Vozes/Sinodal, 1994, p. 16-21, é quem sumariza o debate já estabelecido sobre as possibilidades de gênero, datação, autoria do livro. Pode-se também articular a questão com GOTTWALD, Norman. *Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica*. São Paulo: Paulus, 1988, p. 517-520.

3. ZENGER, Erich. O Livro dos Doze. Em: ZENGER, Erich e vários autores. *Introdução ao Antigo Testamento*, São Paulo: Loyola, p. 460-465.

4. ZENGER, Erich. O Livro dos Doze, p. 464.

costurado. A novela bíblica combina contos, elementos lendários, heróicos ou míticos, com “orientação [...] para assuntos cotidianos em alguma esfera reconhecível da vida, em meio a uma comunidade menor ou na alta política”⁵. Seu conteúdo tem um fim pedagógico, deseja ensinar algo a seus leitores, uma “moral da história” que exige reflexão e atitude.

A novela existiu em muitos períodos da história da literatura bíblica, mas seu uso mais efusivo parece ter acontecido a partir do movimento sapiencial. Isto nos permite situar a redação do livro entre 450 e 400 A.E.C. Se a história de Jonas já era conhecida no norte antes de sua fragmentação (em 722 A.E.C.) ou em Judá, antes da destruição do reino do sul (até 596 A.E.C.), é bem interessante que esta historieta tenha se transformado em literatura justamente em Judá, onde o cânon bíblico estava sendo fechado, no momento histórico em que o monoteísmo se estabeleceu como regime político-religioso da nação que se reerguia após o exílio e quando os estrangeiros passaram a ser considerados impureza e deveriam ser excluídos da congregação de Israel. O livro leva todo jeito de ser uma “provocação” dos intelectuais da época contra as incongruências do sistema exclusivista propagado por este modelo de monoteísmo.

Resumindo, a novela de Jonas é uma literatura escrita durante o século V A.E.C., na província de Judá, com fortes traços sapienciais, por autores que desejavam protestar contra a xenofobia do monoteísmo que estava sendo implantado no meio dos judeus naqueles dias e que foi inserida no cânon dos Doze, fechado no séc. III A.E.C.

2. Estrutura e conteúdo do texto

Não faremos aqui uma síntese do livro, queremos apenas destacar alguns movimentos de cada cena. Devemos lembrar que, como uma novela, o roteiro se assemelha ao de uma peça teatral dividida em atos, com mudanças estratégicas de cenários, cujo objetivo é aprimorar a compreensão do leitor para a moral da história, que se encontra no fechamento do livro. Vejamos os movimentos dos personagens e cenários atentando para as repetições e antagonismos dos mesmos, observando também a estrutura paralela que une os capítulos ímpares e pares entre si. Isto fica mais fácil perceber pelo recuo de parágrafos a seguir.

Capítulo 1 – O comissionamento do profeta, o escape da missão, a tempestade, o temor e arrependimento dos marinheiros gentios, o lançamento de Jonas ao mar, a suspensão do castigo. O cenário: o navio

Capítulo 2 – Jonas engolido e castigado clama pelo perdão de Yahweh para si, coloca-se como sujeito humilde e contrito, é deixado na praia pelo peixe que o vomitou. O cenário: o ventre do peixe.

Capítulo 3 – O re-comissionamento do profeta, o “cumprimento” da missão, o temor e arrependimento dos ninivitas gentios, a saída de Jonas para longe, a suspensão do castigo. O cenário: Nínive.

5. GOTTWALD, Norman. *Op. cit.*, p. 511.

Capítulo 4 – Jonas acolhido na sombra e acomodado reclama do perdão de Yahweh para os ninivitas, coloca-se como um sujeito arrogante e presunçoso, é deixado ao sol pela mamoneira que morreu. O cenário: no deserto sob um sol escaldante.

Numa rápida passagem pelos tópicos principais constatamos paralelismos de ações entre os capítulos 1 e 3 e outros entre o 2 e 4, algumas vezes os movimentos são antagônicos. O primeiro tem a ver com a forma como Jonas lida com sua missão, a forma como ele “leva a sério” sua vocação, como quer manipular a ação de Yahweh através da desobediência ou da obediência pela metade. Tem a ver também com a prontidão de Yahweh em perdoar o gentio que se apresenta diante dele com temor e contrição de coração.

O segundo paralelismo tem a ver com a forma como o profeta age quando está em situação de perdição. No fundo do poço, no ventre do peixe, Jonas é humilde, contrito, um sujeito religioso devotado pronto a servir a seu Deus. Sob a sombra da mamoneira ele é arrogante, agressivo, dono da verdade e sem compaixão. Mudou de *status*, mudou a pessoa! Com estas cenas mais claramente definidas, vamos passar para as relações de “amor e ódio” contidas no livro a partir do próximo tópico.

3. Um “triângulo amoroso” em Jonas

Yahweh ama o Jonas. Ele vocacionou o profeta e o escolheu para uma tarefa. A escolha de uma pessoa e designação de uma missão para ela são sempre símbolos da confiança de um superior para com seu subordinado. Yahweh chamava seus profetas e suas missões sempre estiveram ligadas ao destino de muitas nações. Não foi diferente com Jonas. Jonas tinha o destino de Nínive em suas mãos. Yahweh não confiaria uma missão a Jonas se não confiasse nele e não o amasse.

Quando o profeta fugiu, Yahweh impediu que ele percesse. Ao ser atirado, a mão de Yahweh impediu que ele se afogasse no mar bravio. Quem já enfrentou uma tempestade em alto-mar sabe que apenas um milagre impede o afogamento. A força humana não é capaz de resistir à força das águas. Depois de pregar em Nínive, Yahweh esfriou a cabeça quente do profeta pirracento dando-lhe uma mamoneira de presente. Ao ser insultado pela teimosia, pela falta de misericórdia e pela arrogância de Jonas, Yahweh não lhe destruiu, continuou questionando seu comportamento incoerente. Sim, certamente Yahweh amava Jonas. E muito!

Mas Yahweh não amava apenas Jonas. Ele também amava Nínive. Quando ele comissionou o profeta ele determinou o seguinte roteiro: “Levanta-te, vai a Nínive, a grande cidade, e anuncia contra ela que a sua maldade chegou até mim” (1,2). Yahweh mandou Jonas advertir a cidade sobre sua maldade. Quando Yahweh mandava uma advertência através de um profeta ele desejava ver o arrependimento dos destinatários da mensagem. Tanto que, em Ezequiel, a indignação do profeta se deu justamente porque ele fora enviado a pessoas que não desejavam se arrepender (Ez 2,1-10 e 3,14). A advertência de Yahweh não visa senão oferecer a oportunidade de conversão, de mudança de atitude. Jonas parece ser um anti-Ezequiel. Ezequiel fica indignado por ser

enviado a pessoas que não lhe darão ouvidos. Jonas não quer que as pessoas lhe dêem ouvido, por isso fica indignado! Dá para entender uma coisa dessas?

Quando o povo de Nínive, a começar pelo rei, tomou atitude de humilhação e arrependimento, o perdão divino sobre a cidade veio sem nenhuma resistência. Na pergunta final do livro fica claro o amor de Yahweh pelas mais de cento e vinte mil pessoas “que não distinguem entre direita e esquerda além de muitos animais” (4,11). Pessoas que não sabem distinguir entre direita e esquerda são crianças, possivelmente abaixo dos quatro anos de idade⁶.

E Jonas, a que/quem Jonas ama? Jonas ama desobedecer, fugir. Jonas ama o sono (1,5). Estar dormindo diante de uma catástrofe é algo tão pós-moderno que nos surpreende que esta mesma letargia esteja presente em tempos tão antigos, nos quais a solidariedade parecia estar mais presente e as pessoas viviam de forma menos autônoma do que na atualidade. Jonas ama dormir! Mas ele também ama representar Yahweh (1,9). A letargia de Jonas diante da situação é inadmissível. Sua passividade com a desgraça à sua volta despreza o amor misericordioso de Yahweh. Os estrangeiros parecem estar mais afinados com esta misericórdia de Yahweh do que o profeta.

Pronunciar de boca cheia que “venero o Senhor Deus do céu, que fez o mar e a terra” isso ele ama (1,9). Jonas também ama “chorar o leite derramado”. Choramingar por não poder mais subir as escadarias do templo é algo que ele gosta. Lamuriar-se com autocompaixão, repetindo que está no fundo do poço, é algo que Jonas também ama (2,4.7). Jonas também ama obedecer pela metade e ficar bem longe para ver o “circo pegar fogo” é algo que lhe dá imenso prazer (4,5), de preferência numa sombrinha, só faltava água geladinha.

Jonas é o sujeito que se acha o tal, o bom. O resto é resto, merece morrer. Sua arrogância é tanta que ele discute com Yahweh sem nenhum temor, como se fosse um colega de infância. Quando Yahweh questiona sua atitude ele diz: “Sim, está certo que me aborreça até a morte” (4,9). Jonas é egoísta, ama a si mesmo mais que a tudo, mais que a Yahweh. Desobedecendo o mandamento que diz “Amarás o Senhor teu Deus com todo o coração, com toda a alma, com todas as forças” (Dt 6,4), ele se sente o próprio dono da verdade.

Vimos até aqui que a atitude de Yahweh com o ser humano é de amor e misericórdia, tanto com os ninivitas quanto com o impiedoso profeta. O que move Yahweh na direção do ser humano é seu amor, seu desejo de nos ver acertando, de nos tirar do caminho errado, de nos fazer “acertar na vida”. Já o profeta, alguém que deveria ser o espelho deste amor e desta misericórdia, só possui amor por si próprio e por seu sistema de valores, pelas coisas que lhe são caras. Curiosamente, elas estão totalmente conectadas com sua religiosidade. É o templo, é a representação oficial que ele tem de pertencer ao povo eleito e ao grupo dos que adoram o Senhor do céu e da terra.

6. Os trabalhos cognitivos elaborados para crianças desta faixa etária no pré-escolar da atualidade, incluem a distinção entre mão direita e esquerda, ou seja, crianças a partir dos 5 anos já conseguem realizar esta separação, mas abaixo dos quatro precisam ter uma linha colorida em um dos pulsos para memorizarem a associação dos lados com seus respectivos nomes.

4. Um “triângulo odioso” em Jonas

Para falar dos “ódios” contidos nestas relações devemos começar pelo pecado de Nínive. Yahweh odeia a maldade de Nínive, esse pecado extrapolou as medidas. E por abominar esta maldade Yahweh deseja vê-la removida dos ninivitas. É como se Yahweh não conseguisse aceitar que pessoas tão queridas para ele quanto os ninivitas procedessem de forma tão maligna quanto eles procediam, como se fosse algo estranho a eles, algo de fora, uma influência ruim que deveria ser extirpada. A maldade de Nínive incomoda tanto a Yahweh que ele, por ter compaixão da cidade, envia o profeta para anunciar a necessidade de conversão.

Mas Jonas odeia Nínive com tudo que há dentro dela. Ele também odeia sua missão. Jonas fora vocacionado para retirar, através de sua pregação, o mal de um povo pelo qual nutria sentimentos muito ruins. Jonas não queria ver os ninivitas arrependidos, por isso ele não queria pregar. Ele tinha certeza absoluta de que, se Yahweh fosse misericordioso com aquela gente como fora misericordioso com ele, o castigo não viria. Ele queria ver o fogo descendo e consumindo a cidade. Jonas representa a mentalidade antiga de sua época, das pessoas que pensavam que justiça de Yahweh era queimar as nações estrangeiras. Amós foi quem começou a reformular este conceito, mostrando que Yahweh também queimaria Samaria e Judá. Mas Jonas não gosta muito deste castigo sobre os eleitos. Ele não consegue conviver com a perspectiva que os eleitos, na hora do castigo, seriam cobrados da mesma forma que os gentios.

Durante o debate ele expressa isso com todas as letras: “Ah Senhor, não era justamente o que eu dizia quando estava ainda em minha terra? Por isso fugi apressadamente para Társis: pois eu sabia que tu és um Deus clemente e misericordioso, paciente, cheio de amor, e que se arrepende do mal. Mas agora, Senhor, toma a minha vida, eu te peço; pois é melhor para mim a morte do que a vida” (4,2-3). Há um contra-senso aqui. Ele quer destruição com fogo sobre Nínive, mas sabe que Yahweh é clemente diante da atitude de arrependimento.

Essa atitude de Jonas faz surgir um novo sentimento odioso neste triângulo. Trata-se da aversão de Yahweh pela atitude de seus servos arrogantes que não compreendem o mistério da graça, não entendem para o que são vocacionados e nem o verdadeiro teor de suas mensagens. Isso parece se refletir através de um dos elementos mais naturais e menos humanos do livro: o peixe!

Esse peixe tem um simbolismo interessante que às vezes nos passa despercebido e quero aqui me reportar à injustiça teológica com a qual este peixe tem sido tratado. Tantos teólogos gastaram anos de suas vidas discutindo com a ciência se um ser humano poderia ou não ficar vivo por três dias no ventre do peixe e deixaram de captar as cólicas do peixe, o estômago embrulhado que esta criatura igualmente divina sentiu enquanto carregou um servo de Yahweh arrogante e dono da verdade dentro de si.

Quando Jonas esteve no ventre do peixe orando aquele memorável salmo de contrição ele estava ensopado na matéria-prima do vômito que o conduziria a Nínive, e misturado com todos os dejetos em decomposição no ventre do peixe. No meio da imundície tudo o que o profeta pede é misericórdia. Para morrer ele estava preparado, mas para conviver com imundície ... ah, isso não!

A misericórdia e a graça, que em nenhum momento ele pediu a Yahweh no navio para os gentios, foi justamente a que ele invocou no ventre do peixe para si mesmo e a mesma que ele não quis ver derramada sobre Nínive depois de sua pregação. Quando Jonas esteve no “fundo do poço” ele recorreu à graça, que nada mais é que o favor concedido a alguém que não merece tal favor. Mas agora que ele está novamente na sombra, na tranqüilidade, ele não deseja ver esta graça estendida a outros. Isso não cai bem no estômago de qualquer um, e o do peixe, coitado, não agüentou muito tempo. Ele até que tentou digerir esta situação por três dias, mas sem sucesso. Jonas foi vomitado! Que alívio! E depois disso o peixe ficou bem do estômago ...

Todo vômito é precedido de enorme mal-estar, dores, sentimento de desorientação, desfalecimento e aquela vontade horrível de se colocar para fora o que está incomodando cá dentro. A coisa só alivia quando se expulsa o mal. Qualquer um que tenha passado por uma experiência dessas sabe que não se consegue ficar mais do que algumas horas neste estado que antecede ao vômito. É um desfalecimento insustentável, algumas vezes parece que a vida vai sair de nós. Talvez biólogos marinhos já tenham presenciado um peixe vomitando, reconhecemos nosso débil referencial científico para esta argumentação, mas passear pela alegoria neste momento não vai nos causar nenhum trauma. Imaginemos, então, o coitado do peixe neste estado por três dias! O peixe deve ter quase morrido⁷!

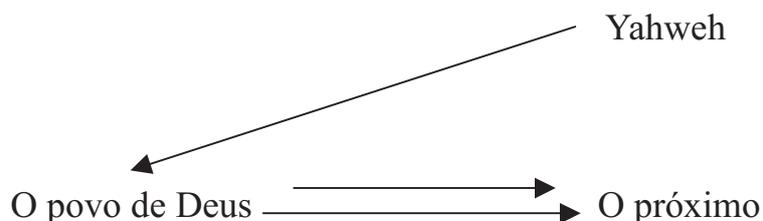
As criaturas de Yahweh não agüentam a falha de seu povo. Gente arrogante como Jonas revira o estômago de qualquer ser vivo. Numa dimensão ecológica, esta criatura é um emissário de Yahweh, como que a demonstrar os sentimentos de Deus com o descaso do profeta para com os ninivitas. As “entranhas” de Yahweh reviram, e cólicas terríveis lhe acometem quando ele tem que lidar com estes “servos zelosos” que não alcançam o significado da graça e da misericórdia e só se preocupam em aplicar a lei quando esta defende seus próprios interesses.

O mesmo acontece agora no capítulo quarto. Bastou a situação ficar favorável para ele que seu comportamento se inverteu. A graça que pediu, ele esqueceu. A misericórdia da qual ele foi alvo para sair do peixe, ele não deseja ver derramada sobre Nínive, o arrependimento que ele não queria pregar é justamente a atitude tomada pelos ninivitas, que motiva o perdão gracioso de Yahweh. Jonas convive muito bem quando a garantia de salvação está voltada para ele, mas não quando ela se volta para o próximo.

5. Refletindo sobre a mensagem em Jonas

Diante destas considerações podemos verificar que um novo triângulo, sempre presente, é como uma “marca d’água” das páginas deste livro e agora esta marca se sobrepõe ao triângulo anterior. Trata-se da relação entre Yahweh, seus servos e o próximo.

7. Não estranhe o leitor, mas nossa intenção aqui é mesmo a personificação do mal do peixe como se fosse reação humana, sendo o peixe um simbolismo do que Yahweh teria sentido, mas para quem deseja aprofundamento biológico sobre a questão, a matéria de ROTTA, Marco Aurélio. *Aspectos gerais da fisiologia e estrutura do sistema digestivo dos peixes relacionados à piscicultura*. Corumbá, 2003, 49 p., publicado pela EMBRAPA em: <http://www.cpap.embrapa.br/publicacoes/online/DOC53> é de grande aprofundamento.



O próximo, que deve ser tão amado quanto nós mesmos é elemento-chave no triângulo. Sem amor ao próximo, não se ama a Deus. Não existe propósito na vocação de Yahweh para com seus servos se não for atingir com graça, através da missão profética àquele próximo que de alguma forma está afastado de Yahweh. É impossível amar a Deus sem amar ao próximo.

A Igreja de Cristo na terra tem cometido, ao longo de sua história, muitos erros na forma de lidar com sua missão. Jonas tem muito a nos ensinar neste sentido. Ele é mesmo um grande professor. É impressionante como ainda hoje, grupos denominados cristãos, legitimem teologicamente e seus líderes pronunciem apoio oficial através da mídia às invasões de exércitos ocidentais em países do Oriente Médio. Acreditam, com isso, estarem prestando um serviço ao reino de Deus. Como Jonas, encaram como missão a tarefa de exterminar o mal através do extermínio das pessoas, diferente do propósito de Yahweh, que é afastar o mal do ser humano que lhe é tão querido. E isso não é recente. Os concílios da Igreja Cristã do primeiro milênio de cristianismo nos mostram a facilidade que temos de excluir as pessoas que pensam diferente de nós. As cruzadas, na Idade Média, nos mostram quanta coisa estranha foi feita em “nome de Deus”. A inquisição e também o separatismo dos puritanos nos mostrou o nível de impiedade que somos capazes de exercer quando alguém nos ameaça com idéias diferentes das nossas. Por fim, o nazismo mostrou o quanto protestantes e católicos são capazes de dormir um sono profundo enquanto as pessoas estão morrendo à nossa volta. Como somos parecidos com Jonas!

Devemos nos lembrar que a verticalidade de nossa espiritualidade, ou seja, nosso acesso a Deus, só é possível quando passa pela horizontalidade, ou seja, pelo nosso amor e prática de solidariedade para com o próximo. Fora disso, o cristianismo não faz nenhum sentido. A Igreja está na terra para cumprir a missão de dividir o amor de Deus com aqueles que ainda não o conhecem e também com os que o conhecem. Nossa vocação é por causa do amor, para o amor e por meio da graça. Esse é o triângulo que tem que funcionar. Nós, por amor a Deus, amando o próximo. Exercendo a missão para a qual fomos chamados sem arrogância, sem religiosidade hipócrita, daquelas que só funcionam quando estão voltadas para nosso próprio umbigo; sem isso!

Jonas tem tanto a nos ensinar e o peixe tem tanto a falar, desde que paremos de prestar atenção no tamanho de sua garganta e comecemos a atentar para o todo de sua presença em dois capítulos de todo o livro.

Concluindo... com um pouco das minhas memórias

Lembro-me agora de um irmão da comunidade que eu freqüentei durante um bom tempo logo que regressei ao Rio de Janeiro. Eu tinha dois bebês, um com um ano

e outro com três, e a distância da paróquia para nossa casa era de 10km, além de 1km num ambiente rural, deserto, que ia do ponto do ônibus até nossa casa. Não era perigoso em termos de violência, mas estávamos sujeitos a picadas de cobras e outros animais, pois morávamos numa reserva ecológica. Quando o serviço dominical terminava, à noite, ele levava nossa família de quatro pessoas em seu carro até a porta da nossa casa e depois regressava para pegar sua própria família que ficara na paróquia aguardando seu retorno para finalmente ir para casa, numa direção oposta 30km à nossa. Nós dizíamos a ele, “pode nos deixar na entrada da reserva”, mas ele respondia: “eu recebi a graça completa, por que vou abençoar apenas pela metade?” – e assim nos levava até a porta de casa.

Enquanto escrevo estas linhas também me lembro de um tio que faleceu uns dez anos atrás. Uma pessoa piedosa, que tinha a casa sempre aberta para ajudar a todas as pessoas que dele precisavam. Muita gente abusava de sua bondade. Uma vez perguntei a ele se ele não ficava magoado quando alguém era ingrato ou “cuspiu no prato que tinha comido”. Ele me respondia: “se a pessoa vai cuspir onde comeu, não é da minha conta, mas se está ao meu alcance fazer o que é certo e o bem para ela, isso sim, é da minha conta”.

São frases que ecoam na minha cabeça e me deixam indignada com o Jonas que tantas vezes vejo dentro de mim, dentro de nós. Impiedoso, sem misericórdia, sem noção do propósito para o qual fomos chamados, sem realizar direito nossa missão.

Que o ventre do peixe, isto é, nossos momentos de ir ao fundo do poço, nos sirvam não apenas como espaços de reflexão, de recorrer à graça que não queremos proclamar, mas sim, queremos usar. Que os “ventres de peixes” sejam espaços de experimentar a graça e por ela sermos transformados, e que, na nova chance que nos for dada, não venhamos a realizar a tarefa pela metade, como quem faz por obrigação. Diz o texto que a cidade de Nínive demorava três dias para ser percorrida, e Jonas só percorreu um. Que aprendamos a perder está má-vontade de realizar a missão. Que os triângulos de Jonas nos ensinem a construir laços fraternos entre missão-vocação e graça e mergulhar no abraço gracioso de Yahweh, Deus amoroso, perdoador, pronto a nos guiar pela mão e nos fazer acertar na vida, com as pessoas e conosco mesmos⁸.

Shalom!

Lília Dias Marianno
Rua Tuiuti, 185, casa 03 – São Cristóvão
20920-010 – Rio de Janeiro – RJ
lilia.marianno@oi.com.br
lilia.marianno@gmail.com

8. Não tivemos um autor específico para as idéias aqui articuladas, todavia alguns autores têm “conversado” conosco sobre Jonas por mais de seis anos. Citamos aqui alguns propulsores das intuições apresentadas: BAPTISTA, Roberto Natal. *E a novidade veio de dentro da baleia*; BOTTAS, Paulo Cesar. *Afé Jonas! O profeta da covarde intolerância*; GARCIA, Paulo Roberto. *Jonas e os discípulos*, todas publicadas em: *Mosaicos da Bíblia: Jonas*, São Paulo: CEDI, 1991. CAVALCANTI, Soraya. *Mergulho no ser: medo e autoconhecimento a partir da vida do profeta Jonas*. Viçosa: Ultimato, 2001; KILPP, Nelson. *Jonas*, Petrópolis: Vozes, 1994; WOLFF, Hans Walter. *A Bíblia é palavra de Deus ou palavra de homens? Reflexão sobre o problema baseada em uma explanação do livro de Jonas*. Em: WOLFF, Hans (e outros). *A Bíblia: palavra de Deus ou palavra dos homens?* São Leopoldo: Sinodal, 1999.